

BELCHIOR MONTEIRO LIMA NETO
ÉRICA CRISTHYANE MORAIS DA SILVA
GILVAN VENTURA DA SILVA
(ORGANIZADORES)

FORMAS E IMAGENS DA CIDADE ANTIGA



EDITORA MILFONTES

VITÓRIA
2020

© 2020 Editora Milfontes
© 2020 Os autores

Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte da obra, por qualquer meio, sem autorização da editora, constitui violação da LDA nº 9.610/98.

Revisão e normas
Os autores

Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica
João Carlos Furlani

Imagem da capa

Mosaico policromático de pavimento representando Jerusalém, nomeada como *hagia polis*. O painel se encontra instalado na nave central da Igreja de São Estêvão, em Umm Er-Rasas, atual Jordânia. Sua confecção remonta ao período bizantino (século VIII).

CTP, impressão e acabamento
GM Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732 Formas e imagens da cidade antiga / Belchior Monteiro Lima Neto; Érica Cristhyane Moraes da Silva; Gilvan Ventura da Silva (Organizadores). - Vitória: Editora Milfontes, 2020. (Coleção *Lux Antiquitatis*).
316 p.: 20 cm.: il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-86207-10-1

1. Civilização Clássica. 2. Cidade. 3. Sociabilidades. 4. Espaço. I. Lima Neto, Belchior Monteiro. II. Silva, Érica Cristhyane Moraes da. III. Silva, Gilvan Ventura da.

CDU: 94(37)



EDITORA MILFONTES

Av. Adalberto Simão Nader, 1065, sala 302, Vitória/ES
Compra direta e fale conosco: www.editoramilfontes.com.br
Distribuição nacional em: www.amazon.com.br
editor@editoramilfontes.com.br
Brasil

Editor chefe

Bruno César Nascimento (Ufes)

Conselho editorial

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU)

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (Unicamp)

Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS)

Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG)

Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS)

Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto)

Prof. Dr. Hans Urich Gumbrecht (Stanford University)

Profa. Dra. Helena Miranda Mollo (Ufop)

Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (Ufes)

Prof. Dr. Julio Bentivoglio (Ufes)

Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS)

Profa. Dra. Karina Anhezini (Unesp)

Profa. Dra. Maria Beatriz Nader (Ufes)

Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (Ufop)

Profa. Dra. Rebeca Gontijo (UFRRJ)

Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (Unespar)

Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (Uerj)

Prof. Dr. Valdei Lopes de Araújo (Ufop)

Profa. Dra. Verónica Tozzi (Univerdidad de Buenos Aires)



COLEÇÃO 'LUX ANTIQUITATIS'

Diretores da coleção 'Lux Antiquitatis'

Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva (Ufes)
Profa. Dra. Érica Cristhyane Moraes da Silva (Ufes)

Conselho editorial

Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (UFF)
Profa. Dra. Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG)
Prof. Dr. Belchior Monteiro Lima Neto (Ufes)
Profa. Dra. Claudia Beltrão da Rosa (UNIRIO)
Prof. Dr. Fábio de Souza Lessa (UFRJ)
Prof. Dr. Fábio Duarte Joly (Ufop)
Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho (Unesp)
Profa. Dra. Norma Musco Mendes (UFRJ)
Prof. Dr. Renan Frighetto (UFPR)
Prof. Dr. Thiago Eustáquio Araujo Mota (UPE)

Sumário

Apresentação 9
Os organizadores

Arquitetura doméstica e moralidade: uma leitura da
Mostellaria, de Plauto 11
Claudia Beltrão da Rosa

In festiui loco: observações sobre o teatro e a audiência na
época de Plauto 33
José Guilherme Rodrigues da Silva

A arquitetura romana entre a Arqueologia e a obra de
Vitrúvio: o exemplo do teatro romano de *Bracara Augusta* 61
Manuela Martins

A cidade entre duas *arces*: topografia e identidade na Roma
augustana 91
Thiago de A. L. C. Pires

Forma, função e uso dos espaços domésticos na cidade
antiga: as *domus* da Hispânia romana 117
Fernanda Magalhães

Urbanismo romano no Norte da África: considerações a
partir da documentação arqueológica 145
Maria Cristina Nicolau Kormikiari

A construção do espaço como estratégia política:
a romanização da paisagem urbana de Lepcis Magna
(sécs. I a.C.-II d.C.) 173

Belchior Monteiro Lima Neto

O platô de Dafne na Antiguidade Tardia: os usos do espaço
e a relação com a *asty* de Antioquia de Orontes 201

Érica Cristhyane Morais da Silva

Constantinopla além do Império Bizantino: a formação de
uma capital (séc. IV) 231

João Carlos Furlani

A rua e suas funções na cidade pós-clássica: algumas
reflexões sobre o caso de Antioquia (351-450) 265

Gilvan Ventura da Silva

Bracara e a cristianização das cidades ocidentais na
Antiguidade Tardia, algumas reflexões 293

Francisco Andrade e Luís Fontes

Sobre os autores 315

Urbanismo romano no Norte da África: considerações a partir da documentação arqueológica

Maria Cristina Nicolau Kormikiari

Uma antiga lenda norte-africana conta como um soldado romano se apaixonou por uma princesa nativa, a qual, orgulhosa como Dido, não queria saber dele. Ela somente se casaria com ele, disse a moça, quando as águas do Zaghuan corressem para Cartago. O aqueduto com 132 km de extensão, visível ainda hoje na planície do *oued* (rio) Miliana, foi construído (Figura 1).¹ O romano cobrou a noiva, e esta, como Dido, preferiu se jogar do alto da construção.

Ainda que não seja possível comprovar a veracidade dessa história, a memória a ela intrínseca nos diz que, no campo do desenvolvimento de um urbanismo romano, um diferencial marcante foi a engenhosidade posta a serviço do bem-estar

¹ Este aqueduto transportava água da montanha (*djebel*, em árabe) Zaghuan até Cartago. Trata-se de um monumento impressionante, tanto do ponto de vista técnico como por sua monumentalidade. É dividido em uma parte aérea formada por altas arcadas que cortam os vales, e em uma parte subterrânea, que atravessa as colinas. Este aqueduto leva a água movida pela gravidade, isto é, a partir de uma inclinação suave desde as fontes no flanco da montanha até os reservatórios (cisternas) das termas igualmente monumentais de Cartago, à beira mar. Calculou-se que 32.000 m³ de água eram lançados por dia, isto é, 270 litros por segundo. Atribui-se sua construção ao imperador Adriano (117-138) (SLIM *et al.*, 2003, p. 237).

cotidiano e estendida para todos os cantos do Império. Secularizaram a monumentalidade.²

Figura 1 – Aqueduto de Zaghoan



Fonte: Michel Royon, Wikimedia Commons

Quando pensamos nas marcas deixadas pela presença romana nos territórios conquistados e transformados em províncias, há várias linhas de pensamento.³ Do ponto de vista

² Por exemplo, em comparação ao mundo grego, que usou a monumentalização principalmente no campo religioso, ver Hirata (2009) e Florenzano (2011).

³ Existe um debate secular e intenso sobre a organização e atuação do Império Romano nos territórios conquistados. Tanto as intenções das ações romanas quanto as respostas a estas, nas províncias, encontram-se no centro do debate das últimas décadas. Uma das correntes mais fortes, formada principalmente por pesquisadores anglo-saxões, prega o reconhecimento que os processos de interação cultural foram, necessariamente, multidirecionais. Entre outros, ver Curchin (2004);

de uma análise arquitetônica acoplada a noções de urbanismo, pesquisadores como MacDonald (1986) defendem a existência de uma “homogeneidade da forma e da intenção ao longo de todo o território do Império”. MacDonald defende a ideia que, para além de um simples plano urbano, as cidades romanas possuíam uma *armadura*. Esta seria formada por três grandes componentes: *espaços abertos*, formados por ruas, praças, *fora* e escadas; *espaços intermediários*, como arcos, fontes, exedras e pátios com pórticos; e, finalmente, *prédios públicos chave*, como anfiteatros, basílicas, termas, lojas, teatros, entre outros.

Os componentes dessa *armadura* se acumulariam com o tempo, como resposta ao que MacDonald (1986, p. 30) denominou “a necessidade urbana universal de uma arquitetura de conexão e de passagem”. A diferença em relação a um plano urbano seria que o primeiro teria uma base teórica e seria instalado de uma só vez; ou seja, a *armadura*, ao contrário, desenvolveu-se, ao longo do tempo, a partir de “ideias orientais e ocidentais (que) se combinaram para formar novas morfologias e para criar o fator tão fortemente reconhecível ecoado pela evidência pictórica” (MACDONALD, 1986, p. 18).

Nesse ponto, o papel desempenhado pelo exército romano, atuando como agrimensores e “engenheiros”, teria sido primordial. A “arte da guerra” necessitava comunicações, isto é, estradas e portos; e a manutenção da paz, de fortes e campos de legionários. Estes, por sua vez, necessitavam de um suprimento adequado de água. Por fim, os territórios conquistados, para serem vigiados, as taxas serem coletadas, os suprimentos em grãos guardados e embarcados necessitavam um controle rígido.⁴

Beard (1998); Hingley (2004); Huskinson (2000); Mattingly (2004; 2007); Merrywater; Prag (2003); Revell (2009); Whittaker (1997).

⁴ Para uma sistematização das obras civis e militares realizadas pelo exército romano no Norte da África, ver Le Bohec (1989).

Em 146 a.C., logo após o sítio a Cartago e, em seguida, à criação da *Provincia Africa*, Cipião organiza a circunscrição do território conquistado. A terra foi dividida em lotes agrícolas separados por fossas e estradas.⁵ No entanto, é preciso lembrar que a conquista romana do Norte da África caracterizou-se por ter sido uma lenta progressão meridional e ocidental (LASSÈRE, 1977). O trabalho dos agrimensores e dos engenheiros do exército acompanhou esse ritmo.

As estradas ligavam-se às circunscrições e serviam como fronteiras entre as terras divididas. Constituíam-se linhas guias para futuras anexações (GSELL, 1928). No período púnico, no território cartaginês, havia estradas, mas estas ligavam, principalmente, a capital a algumas cidades vizinhas. Há vestígios de estradas entre as principais cidades da costa (RAVEN, 1993, p. 66).

Já a perspectiva romana foi a da concepção de uma rede de estradas conectando uma província por inteiro. No Norte da África, temos uma única legião, a III^a Legião Augusta. Em 14, a III^a Legião construiu uma estrada militar de 160 km, entre Tacapae (litoral oriental tunisiano) e Ammaedara (Haïdra) (região central da Tunísia atual), sendo esta última sua primeira base africana identificada (RAVEN, 1993, p. 57, 60).

Trata-se da primeira estrada a ser registrada em uma inscrição (RAVEN, 1993, p. 66). Três séculos depois, a rede de estradas romanas no Norte da África alcançou cerca 19 mil km

⁵ Esta era a opinião de Stéphane Gsell (1928, p. 4-8). No entanto, a "primeira" medição do terreno de fato documentada teria sido realizada para a desafortunada colônia dos Graco, em 122 a.C. Já a Lei Agrária de 111 a.C. e outros textos mostram que centúrias foram feitas para além do território da colônia dos Graco. Cada centúria possuía c. 5000 m², e era produzida a partir da organização do terreno em quadrados ou retângulos regulares, desenhados tendo como guia travessas que se cortavam no terreno, as *decumani* e as *cardines*, as quais, por sua vez, corriam em paralelo, respectivamente, ao *decumanus maximus* (L-O) e ao *cardo maximus* (N-S) (GSELL, 1928).

(MORGAN, 2012). Apenas a rota entre Cartago e Ammaedara (Haïdra) (Tunísia atual), chegando até Theveste (moderna Tébessa, Argélia ocidental), localizada ao Sul, em direção ao deserto, foi coberta com lajes.⁶

Fotos aéreas visualizam algumas das estradas romanas no Norte da África. Por vezes, são marcadas pelas chamadas pedras miliárias, estelas com inscrição marcando caminhos, estradas, distâncias entre as localidades. Até hoje, mais de 2000 pedras miliárias foram descobertas no Norte da África (SALAMA, 1951).

A qualidade do trabalho realizado na construção destas estradas pode ser atestada em inscrições como a de Tighanimine (MORIZOT, 2008). Em meados do século XIX, um general francês com dificuldades para levar um destacamento de soldados por uma estreita passagem na garganta de Tighanimine, nos montes Aurès (ao sul de Lambaesis), na atual Argélia meridional em direção ao deserto, se deparou com uma inscrição romana dando conta desta travessia. A inscrição encontra-se visível na lateral da estrada moderna e registra a construção de uma estrada entre Lambaesis e Vescera, em 145, pela VI *Ferrata*, legião romana (MARIZOT, 2008).

A rede levou mais de 200 anos para ser completada. Mas já no final do séc. I, Theveste, quartel general da III^a Augusta desde os anos 70, era o ponto central de um conjunto de estradas em direção à costa, a Cartago e à Mauritânia (atuais Argélia ocidental e Marrocos). Durante o reinado de Trajano, época quando o Império Romano teve sua maior extensão, uma segunda estrada, mais ao

⁶ Uma estrada romana era composta por 3-4 camadas de pedras grandes e menores e pedregulho, algumas ligadas por argamassa, dispostas em uma trincheira de c. 1 m de profundidade. A superfície era usualmente formada por terra compactada ou grandes seixos (NINOUEH; ROUILI, 2013, p. 248).

Sul e paralela, foi construída ao longo do Saara e das montanhas do Aurès e de Nemencha (SALAMA, 1951).

Foram igualmente implantadas estradas “vicinais”, conectando as cidades menores. Normalmente, eram da responsabilidade das autoridades locais. Em uma estrada romana procurava-se manter a linha mais reta possível. Seu uso primeiro era para o deslocamento a pé das legiões. Preferia-se a proximidade de despenhadeiros, margeando montanhas. Evitava-se as planícies, nas quais haveria a necessidade de construção de fortes para proteção e, especificamente em relação ao Norte da África, sempre havia o perigo real das cheias repentinas (NINOUH; ROUILI, 2013, p. 246-47).

A IIIª Legião Augusta também emprestava seus engenheiros para supervisionar a construção de aquedutos pelas cidades, como o de Zaghouan, mencionado acima. Uma inscrição (RAVEN, 1993, p. 72) menciona um engenheiro de Lambaesis que foi chamado para organizar a construção de um túnel para o aqueduto que levaria água até Saldae (moderna Bougie). A inscrição descreve como, após ter direcionado o início da perfuração de cada lado da colina, ele foi chamado às pressas, novamente, porque, o que raramente acontecia (daí a inscrição), os dois túneis não se encontraram.

Os acampamentos da legião romana implantavam uma rígida grade ortogonal.⁷ A da antiga Theveste pode ser

⁷ A grade ortogonal foi um desenvolvimento levado a cabo pelas mãos dos gregos ao longo do século VIII a.C., no Mediterrâneo (há exemplos anteriores em terras orientais, mesopotâmicas e egípcias), em suas *apoikiai* ocidentais, por exemplo, em Mégara Hiblea e na ilha de Ortígia, base da fundação de Siracusa, ambas cidades sicilianas. No século IV a.C., Aristóteles apresenta-nos o nome do arquiteto Hipodamos de Mileto como o criador desta grade, o que sabemos não ser exato. No entanto, é possível, sim, vê-lo como aquele que normatizou essa grade. Segundo a tradição, Hipodamos teria sido responsável pela revitalização do porto do Pireu, em Atenas, de

visualizada, hoje, na moderna Tébessa, mas a grade mais conhecida é a de Timgad (antiga Tamughadi), a qual foi construída em c. 100, não como acampamento mas como colônia de veteranos e de suas famílias. Estes acampamentos e suas colônias são cidades romanas modelos: ruas em ângulo reto; quarteirões de habitações; lojas; *fora*; arcos; templos; termas; entre outros aparatos.

Em relação ao urbanismo no Norte da África, anterior às intervenções romanas, as escavações de Kerkouane, nos anos de 1950, e de Cartago, duas décadas depois, demonstraram a existência de organizações espaciais ortogonais já no período púnico. Desse modo:

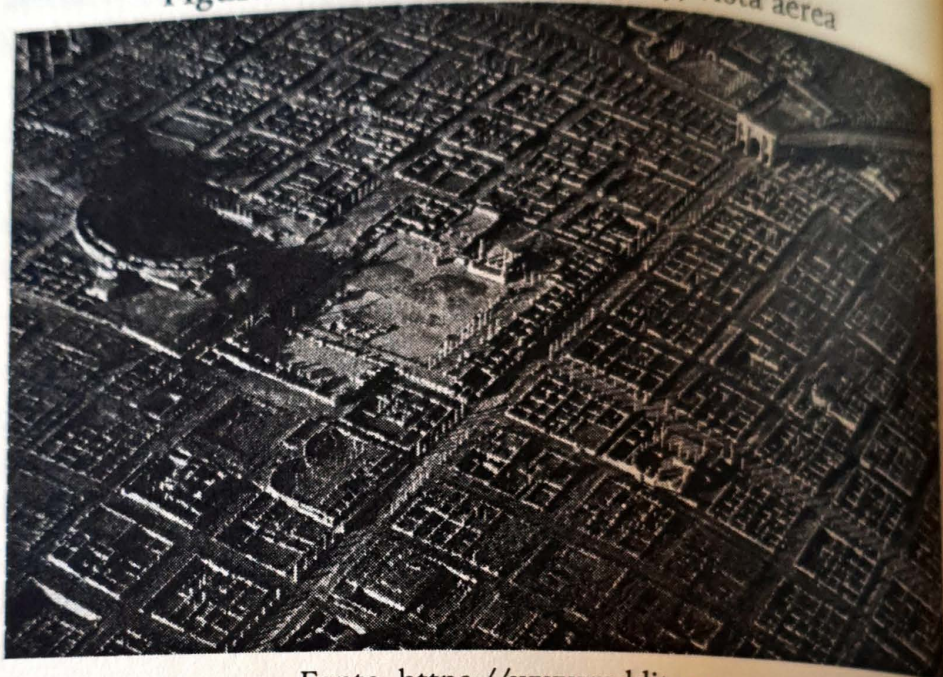
[...] longe de ter colocado em Cartago, no momento da refundação, um plano ortogonal [...] em substituição a um urbanismo da metrópole púnica tido como anárquico e irregular, o cadastramento romano apenas seguiu e se curvou a uma organização anterior: os eixos de construção da Cartago romana praticamente coincidem, de fato, com os eixos subjacentes dos edifícios púnicos da planície costeira (SLIM *et al.*, 2003, p. 217-218).

Tamughadi pode ser considerada o exemplo clássico do planejamento citadino romano no formato de uma grade (Figura 2). No entanto, esta se expandiu para além dessa ortogonalidade e assumiu as configurações mais livres que a “armadura” de MacDonald (1986), citada no início deste

Mileto (pois após a expulsão dos persas, entre 480-470 a.C., os milésios, ao reentrarem em sua cidade, deram continuidade ao estabelecimento da grade ortogonal, já anteriormente existente), de Rodes e de Túrio. Entretanto, as datações arqueológicas destas intervenções englobam mais de um século, tornando inviável que Hipodamos tenha sido, de fato, o artífice em todas essas revitalizações (agradecemos à Profa. Maria Beatriz Florenzano pela sistematização dos dados acima apresentados).

capítulo, permitia. De fato, vemos, na extensão não ortogonal da configuração de Tamughadi, a força das correntes culturais locais, berberes, que organizavam seu espaço de maneira mais livre e integrada ao seu meio.

Figura 2 – Tamughadi (Timgad), vista aérea



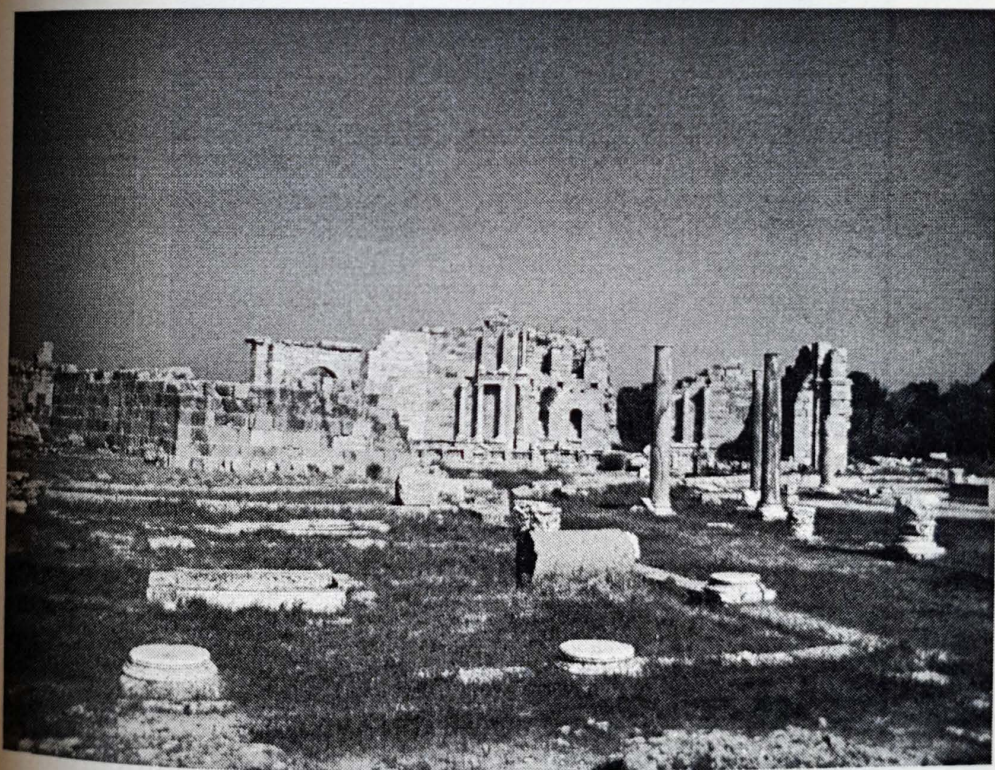
Fonte: <https://www.reddit.com>

Ao mesmo tempo, dentro do aparato idealizado pela presença romana é inegável a percepção do conceito de uma arquitetura conectiva, formada pelas estradas apresentadas acima, mas também por ruas, praças e escadarias dentro das próprias cidades. Ruas conectam os portões da cidade e intersectam com praças, mormente retangulares, de tamanho considerável. Ou seja, uma *arquitetura de passagem* (MACDONALD, 1986, p. 30).

No ninfeu, temos um santuário construído sobre ou ao redor de uma fonte e consagrado às ninfas (Figura 3). Pode ser

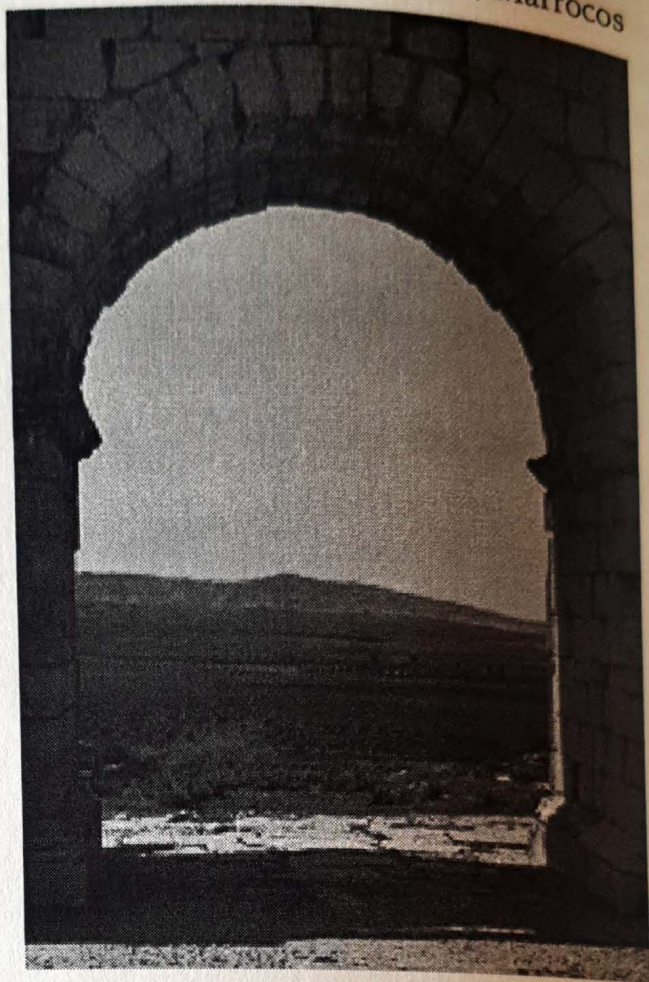
considerado um local de pausa, de descanso. Na falésia talhada em semicírculo do *mons Zeugitanus* (Djebel Zaghouan), a 70 km em voo de pássaro de Cartago, foi construído um ninfeu espetacular. As exedras são espaços (com assentos) em forma de semicírculo. E os famosos arcos, marcando as entradas, em termos urbanísticos, podem ser interpretados tanto desempenhando um papel de trânsito quanto de transição, pois serviam como uma entrada ou mesmo como um enquadramento de uma paisagem (Figura 4).

Figura 3 – Ninfeu em Leptis Magna, Líbia



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nymphaeum_Leptis_Magna.JPG

Figura 4 – Arco em Volubilis, Marrocos

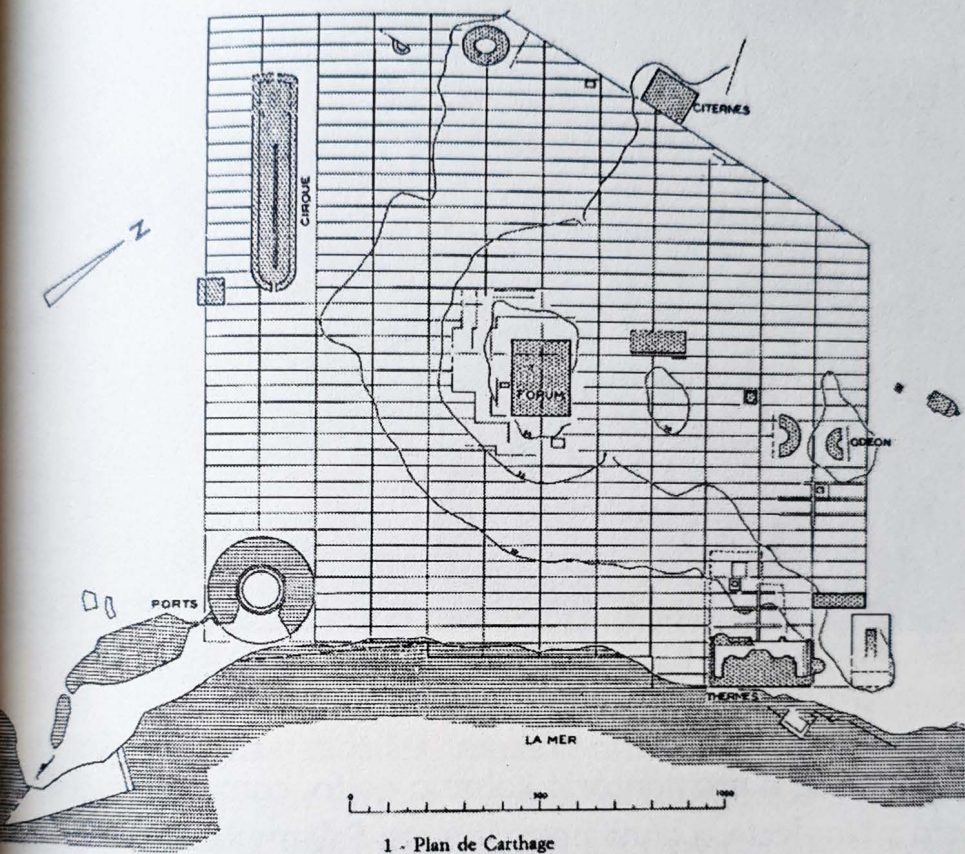


Fonte: <https://www.flickr.com/photos/82733598@N00/7122597903>

Uma cidade romana possuía um número significativo de prédios públicos urbanos: basílicas, termas, cisternas, latrinas, mercados, construções religiosas/templos, as casas senatoriais (as cúrias), lojas e armazéns, entre outros. Questões importantes para seu estudo passam pela análise da distribuição geográfica dos prédios; relação estilo e função; existência de atributos comuns aos edifícios; elementos distintivos da arquitetura romana; uso estrutural da coluna e das molduras (frisos e cornijas) como focos

decorativos; e o desenvolvimento da curva em arcos e abóbodas. Trata-se de arquitetura popular, acessível a muitos (Figuras 5 e 6).

Figura 5 – Planta da Cartago romana

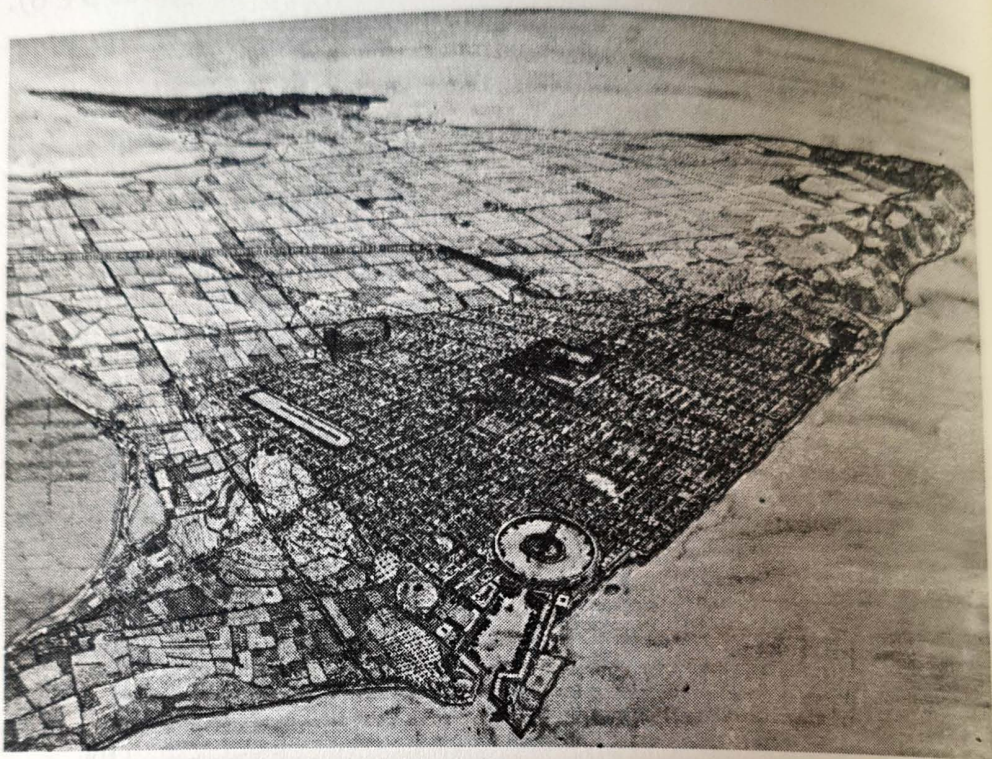


Fonte: https://fr.wikipedia.org/wiki/Site_arch%C3%A9ologique_de_Carthage#/media/Fichier:Plan_carthage_romaine.jpg

Na Figura 5, visualiza-se, claramente, a planta ortogonal da capital norte-africana; e na Figura 6, temos uma reconstituição histórica da Cartago romana, por Claude de Golvin, responsável por um conjunto expressivo e muito bonito de reconstituições de sítios norte-africanos.⁸

ua obra pode ser acessada em: <<https://jeanclaudegolvin.com/carthage>>.

Figura 6 – Reconstituição criativa de Cartago que sintetiza diversas fases da história do sítio



Fonte: <https://jeanclaudegolvin.com/carthage>

Vê-se o promontório sobre o golfo, com o cabo Sidi Bou Saïd a Nordeste, a zona portuária em Salammbô, a Sudeste, e o início do cordão que leva a Goulette. A Oeste, vemos os lagos Sebkhâ Ariana e Behira que banham o istmo que faz a conexão do promontório com o continente.

Ao longo da extensão do promontório percebem-se as marcas de dois cadastros romanos: a centurição rural (apresentada na nota 5, acima) e o cadastramento urbano, no litoral, cujo centro encontra-se na colina de Byrsa, com a *decumanus maximus* (L-O) e a *cardo maximus* (N-S), que garante o recorte ortogonal.

Dentro dessa grade rigorosa, percebida pelo recorte das avenidas e das ruas delimitando os bairros, se implantam os prédios públicos e privados. Entre os mais destacados, temos o fórum, no topo da colina de Byrsa; a Oeste, o anfiteatro e o circo; a Sudeste as bacias portuárias; a Leste as termas de Antonino e o templo de Bordj Djedid; ao Norte, o Odeon, o teatro e a rotunda, e, por fim, as vilas aristocráticas. Na planície, a Oeste, vemos o traçado do aqueduto de Zaghouan, que alcança as grandes cisternas de La Malga (SLIM *et al.*, 2003, p. 217).

Como bem apontam Hédi Slim, Ammar Mahjoubi, Khaled Belkhoa e Abdelmajid Ennabli, no capítulo intitulado *L'urbanisation intense de la province* (2003, p. 215-228), a porção oriental norte-africana tem sido descrita, desde o século XIX, seja por historiadores ou por arqueólogos, como altamente urbanizada durante o período romano. Tanto fontes textuais latinas quanto descobertas epigráficas, prospecções e escavações arqueológicas apontam o desenvolvimento urbano que teria atingido a região entre o início do século II e a metade do século III. Mas, por outro lado, se olharmos com cuidado o mapa de distribuição das cidades romano-africanas, verificaremos áreas mais densas que outras. E estes adensamentos seguem a organização espacial das implantações fenício-púnicas.

Assim, a urbanização é densa no litoral oriental, entre Hippo Diarrhytus (Bizerta) e a Tripolitânia, e em toda a região nordeste norte-africana. Em um retângulo de 175 por 120 km, temos 150 cidades, ao longo do importante eixo agrícola dos vales do *oueds* (rios) Medjerda e Miliane (SLIM *et al.*, p. 215), na atual Tunísia. Por outro lado, quase não há aglomerações mais ao Sul, com exceção de instalações militares.

No Norte da África, temos cinco tipos de “cidades”: as antigas colônias fenícias, costeiras e cosmopolitas; os assentamentos indígenas (centros berberes interioranos

maiores); as colônias de veteranos – construídas como tal; as cidades que cresceram a partir da proximidade com fortes; e as cidades interioranas de tamanho médio que cresceram a partir de vilarejos indígenas.

No auge da ocupação romana na região, o século III, estima-se entre 500 a 600 cidades (RAVEN, 1993, p. 101). Na província da *Africa*, temos, como visto acima, mais de 150 cidades nas terras férteis. Em alguns locais a distância média entre cada cidade não ultrapassava 10 km. No vale do Medjerda, pode-se ver um “cinturão” de cidades ao longo da principal via que ligava Tébessa (Theveste) a Cartago.

A população média dessas cidades seria de 5 a 15 mil habitantes.⁹ Apenas Cartago e Leptis Magna devem ter alcançado seis dígitos.¹⁰ O termo “cidade” pode ser aplicado a esses assentamentos menos em razão de seus tamanhos e mais em razão de suas funções e dos privilégios concedidos por Roma. A partir da documentação textual e epigráfica, pode-se observar a existência de uma hierarquia político-jurídica, como se segue: as *coloniae*, podendo ser consideradas as “verdadeiras cidades”, eram localidades cujos habitantes gozavam da cidadania romana; os *municipia* eram localidades no modelo da cidade romana, com conselho nos moldes do Senado, *duumviri* eleitos e habitantes com alguns direitos, mas não necessariamente cidadãos romanos, pois, para tal, haveria a necessidade de ancestralidade romana ou exercício de magistratura; as *civitates* eram as cidades indígenas, sem direito à cidadania romana (GASCOU, 1972).

⁹ Cirta (Constantina), na atual Argélia, e Volubilis, no atual Marrocos, seriam exceções em termos de centros indígenas.

¹⁰ Pelos cálculos do arqueólogo Philippe Leveau, o aqueduto de Cesaerea possuía uma capacidade de fornecimento de água para até 40.000 pessoas (LEVEAU; PAILLET, 1976).

Temos, igualmente, na região, grandes propriedades, denominadas *saltus* (*saltae*), as quais eram tanto imperiais quanto privadas. À medida que mais e mais terras passaram a ser cultivadas, principalmente nas áreas mais meridionais, nas *saltae* a produção extra foi acrescentada aos mercados semanais (*nundinae*), localizados nas encruzilhadas de seus caminhos. Cada grupo de *saltae* organizava um mercado em um dia da semana (KORMIKIARI, 2000). Nestas localidades, eventualmente, cidades se originaram. Nomes modernos como Souk El Arba (mercado de quarta-feira) e Souk El Khemis (mercado de quinta-feira) guardam, hoje, essa memória.

A *pax romana*, no século II, elevou os gastos dentro das próprias cidades. Ricos mercadores e proprietários competindo localmente investiam no embelezamento das cidades. Tratava-se de uma competição pelos cargos de magistratura mais elevados e por prestígio.¹¹

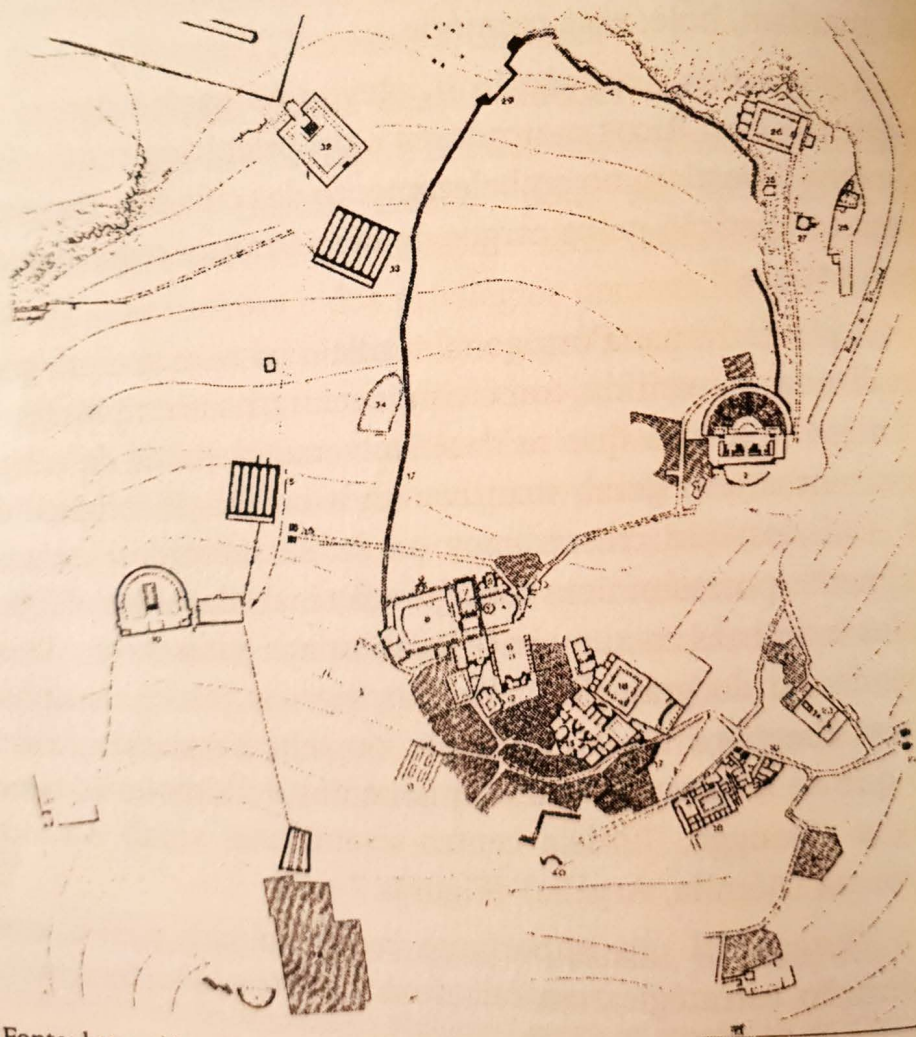
A planta romana ortogonal tradicional nem sempre podia ser realizada ou mantida, como vimos acima, no exemplo clássico de Timgad. Cidades que se desenvolveram a partir de antigos povoamentos, em geral, mantiveram a ordenação original das ruas. Cidades que cresceram a partir de mercados semanais usualmente possuem uma configuração mais desordenada. Já as cidades indígenas costumam se localizar nas encostas de colinas. Dependendo do grau de inclinação, as ruas principais tinham que ser abertas a um zigue-zague, ou seja, a *armadura* romana teve que se adaptar. Como exemplos deste último caso, temos Thugga (Dougga, Tunísia centro-setentrional atual) e Cuicul (moderna Djémila, Argélia) (Figuras 7 e 8).

Thugga foi um importante centro númida-púnico, com localização estratégica em relação à rota de produção agrícola

¹¹ Sobre evergetismo e patronato, ver Longfellow (2011) e Perissato (2018).

do vale do Medjerda. Inscrições líbico-púnicas dão conta de questões político-sociais nômadas e da influência fenício-púnica na localidade (CHABOT, 1916); e o sítio de Cuicul, em 1982, foi elevado pela Unesco à condição de patrimônio mundial. Como uma de suas características mais significativas, temos a adequação romana à topografia de vilarejo montanhoso.

Figura 7 – Planta de Thugga, na qual é possível perceber as adaptações ao terreno pelas curvas de nível



Fonte: <https://journals.openedition.org/encyclopedieberbere/docannexe/image/2210/img-5.png>

Figura 8 – Panorama de Cuicul, com vista para o fórum



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/d6/Vue_generale_du_site_de_Djemila.jpg

O Norte da África é um dos locais do Império Romano onde mais encontramos inscrições. A rica epigrafia da região está na casa dos 60 mil documentos, os quais são tratados em diversos compêndios acadêmicos (MATTINGLY; HITCHNER, 1995, p. 169).¹²

Exemplos de inscrições são as que comemoram os doadores (um cidadão ou o próprio imperador) que financiaram a construção de um ou mais prédios. Como no caso do fórum de Leptis Magna, que foi reconstruído em 53 por Gaius, filho

¹² Para uma lista das principais publicações e para referências de sistematizações das importantes escolas de epigrafistas franceses e italianos, os principais pesquisadores a trabalharem com inscrições romanas do Norte da África, ver Mattingly & Hitchner (1995, p.166, notas 17 e 18).

de Hanno (RAVEN, 1993, p. 105). E um fórum completamente novo foi doado pelo imperador Sétimo Severo (nascido na cidade) entre 202 e 205 (Figura 9) (CORDOVANA, 2012, p. 56).

Figura 9 – Vista aérea do Fórum Severo de Leptis Magna



Fonte: <http://photo.sf.co.ua/g/189/22.jpg>

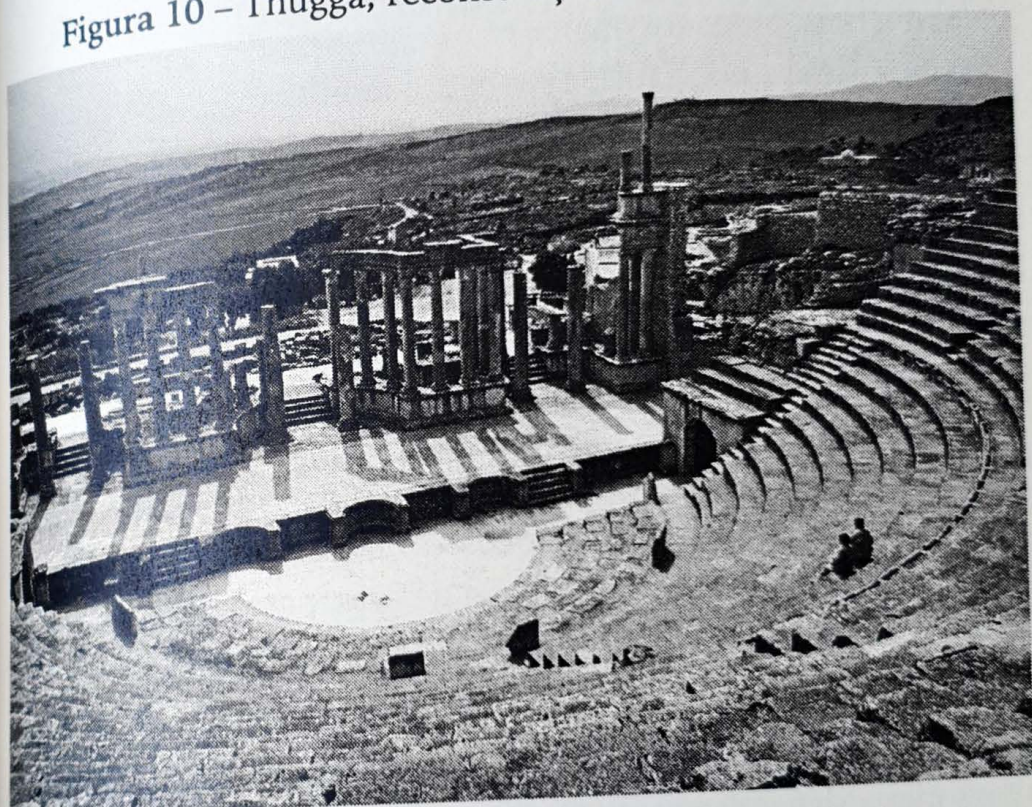
Eventualmente, mercados especiais eram construídos em áreas separadas. Por exemplo, Timgad e Cuicul possuíam mercados de roupas (tecidos e couros). Em Cuicul o mercado de alimentos possuía o aparato arquitetônico para a pesagem normatizada dos produtos, um *ponderarium* (RAVEN, 1993, p. 106).

Construções para o conforto e o lazer

Duas dúzias de teatros foram escavados no Norte da África (acredita-se que muitos eram de madeira e por isso não

há vestígios). Por exemplo, o teatro de Thugga é considerado um dos mais belos da África romana (Figura 10). Sua *cavea*, com 15 m de altura, possuía a capacidade para acomodar 3.500 espectadores, e estava dividida em três andares, ou *maeniana*, ou seja, separações que garantiam uma repartição dos espectadores de acordo com sua hierarquia social e política (SLIM; FOUQUÉ, 2001, p. 174). Se pensarmos que Thugga, em seu apogeu, abrigaria cerca 5.000 habitantes, temos uma percepção da importância dada a esse tipo de construção (CAMPS, 1995). Cirta possuía a sua própria companhia teatral. Foi considerada uma grande deferência quando o imperador Caracala emprestou a Leptis Magna seu ator favorito, Agripa (RAVEN, 1993, p. 111).

Figura 10 – Thugga, reconstrução moderna do teatro



Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Dougga#/media/File:Roman_Theatre_Dougga.jpg

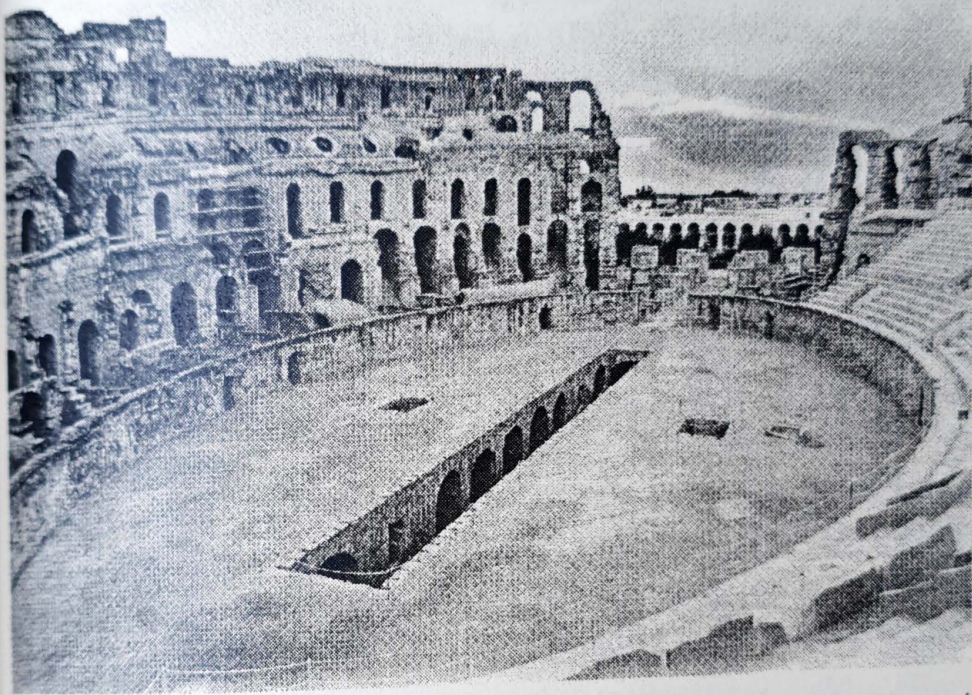
Os anfiteatros eram locais especialmente monumentais, construídos para os espetáculos de combate de gladiadores e os jogos do circo. Se tornaram locais de execução de condenados (por meio da participação nos jogos) e, no século III, de cristãos (especialmente os donatistas). De maneira análoga aos teatros, acredita-se que muitos devem ter sido confeccionados em madeira (RAVEN, 1993, p. 112). Conta-se, a partir de dados arqueológicos ou epigráficos, mais de cinquenta espalhados pelo Norte da África (SLIM; FAUQUÉ, 2001, p. 176). Por exemplo, em Thysdrus (moderna El Djem, Tunísia meridional, às portas do deserto), temos o terceiro maior anfiteatro conservado do Império Romano, quase tão grande quanto o próprio Coliseu (Figura 11).¹³

Ao mesmo tempo, o anfiteatro de Thysdrus permite que visualizemos o desenvolvimento deste tipo de construção. Três edifícios foram encontrados e estudados arqueologicamente. O primeiro deles, do final do século I a.C., foi cavado no tufo calcário, era assimétrico e de formato irregular, com uma clara diferença de altura entre suas diversas partes. Ao mesmo tempo, acredita-se que sua construção tenha sido possibilitada pela presença de comerciantes italianos ligados à agricultura do trigo. No final do século I, um novo anfiteatro foi construído no mesmo local. Com o próprio material da demolição do primeiro edifício, preencheu-se o espaço e foram construídos vários compartimentos de alvenaria, que receberam bancos de terra batida e tijolos crus revestidos por placas de proteção de argamassa de gesso (SLIM; FAUQUÉ, 2001, p. 176). Este edifício sustentava-se em uma

¹³ O nome Thysdrus já denuncia sua origem berbere, cuja raiz remete ao termo que designa "passagens estreitas". Ora, a localização de Thysdrus, na região central do plateau de El Djem, domina um corredor de depressões que determina a ligação mais direta do Sul com o Norte e o ponto mais cômodo de junção do litoral com a hinterlândia (SLIM, 1995).

colina adjacente, método de construção muito comum no mundo romano. Por exemplo, apenas na Tunísia, Thignica, Thuburbo Majus, Lepti Minus, Sufetula, Acholla e Baroras possuíam um anfiteatro deste tipo (SLIM; FAUQUÉ, 2001, p. 177).

Figura 11 – Anfiteatro de El Djem, antiga Thysdrus



Fonte: <https://journals.openedition.org/encyclopedieberbere/docannexe/image/2182/img-1.png>

Já a terceira e última construção de Thysdrus é especial, pois se trata do único anfiteatro romano construído não em tijolos e sim em pedras talhadas (com exceção das abóbadas de sustentação dos bancos e das galerias, feitas com cascalhos). Além disso, foi erigido em terreno plano (como o próprio Coliseu e os anfiteatros de Cartago – pouco preservado –, de Arles e de Nîmes; os dois últimos, na França atual).

Sua *cavea* possuía a capacidade de receber até 30.000 espectadores. Sua construção, no entanto, foi baseada não na medida básica romana (o pé de 0,30 m) e sim no cúbito púnico (0,50 m). Sua distinção local também aparece nos modos de construção e nas escolhas decorativas, e, principalmente, pelo fervor religioso que suscitava, testemunhada por inscrições e mosaicos (SLIM; FAUQUÉ, 2001, p. 179).

Os circos, locais de corridas de carros e de cavalos, eram também populares. Temos exemplos de cavalos vencedores que ficaram imortalizados em mosaicos. No entanto, no Norte da África, apenas seis exemplos foram descobertos (RAVEN, 1993, p. 112).

As termas deveriam ser extremamente numerosas no Norte da África. Apenas Timgad possuía treze (RAVEN, 1993, p. 113). A região noroeste da África possuía mais termas do que qualquer outra parte do Império. Havia termas separadas por gênero ou, dependendo, uma mesma poderia ser usada alternadamente por homens e mulheres. O uso, como já mencionado em relação à vida cidadina, era subsidiado por ricos cidadãos. Essa "generosidade", por vezes, ocupava todos os dias, por vezes apenas alguns dias da semana.

Na arquitetura das termas, percebemos parte da genialidade romana. Os romanos desenvolveram um cimento do qual o ar foi retirado, o que permitiu as construções monumentais das abobadas. Os templos eram construídos para impressionar por fora, as termas, por dentro. Tipos de instalações existentes nas termas são os vestiários; áreas de massagem, banho quente, morno, frio, de vapor; áreas de exercício; latrinas.

Templos

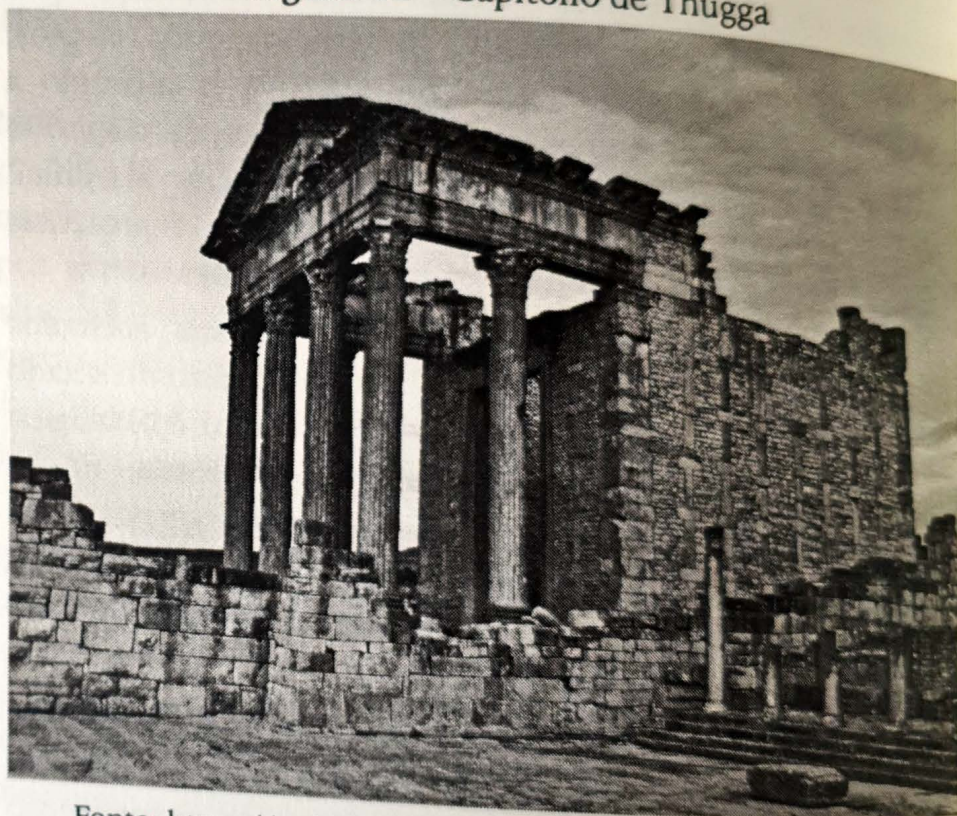
Plano essencial do Mundo Antigo, a vida religiosa não se destacava nem era experimentada à parte. Nesse sentido, templos para diversas divindades, para o culto ao imperador e para divindades abstratas, como a Concórdia, são numerosos nas cidades norte-africanas. As cidades mais ricas construíam capitólios, templos dedicados às três divindades principais do panteão romano – Júpiter, Juno e Minerva (*Iuppiter Optimus Maximus, Iuno Regina e Minerva Augusta*). No artigo *Capitolia*, Josephine Quinn e Andrew Wilson (2013) defendem que, ao contrário do que normalmente se assume, estes templos, localizados nos *fora*, não eram “réplicas” esquematizando a relação existente, em Roma, entre a localização do Capitólio e o *forum romanum* abaixo dele. Arqueologicamente de difícil identificação, os capitólios provinciais não parecem representar tão claramente assim o *status* elevado das localidades.

O Norte da África é onde eles são mais atestados (praticamente todos datados do século II e do início do século III). Quinn e Wilson (2013) defendem que o arco cronológico e espacial, assim como a excepcionalidade dos fóruns norte-africanos, denota uma explicação. Assim, propõem que as elites norte-africanas, em seu relacionamento com Roma, foram os motores de adaptação e inclusão destas construções tão específicas. Ou seja, foram obras locais.

Contam-se 20 capitólios identificados e 17 possíveis, número que contrasta com os 19 italiotas (Figura 12). No entanto, é preciso levar em conta a força da manutenção do substrato púnico-berbere no Norte da África, que talvez explique a excepcionalidade norte-africana em comparação às outras províncias. Os templos de deuses protetores das cidades, cuja identidade comumente resultou de um emaranhamento

de divindades e/ou forças sagradas berberes, divindades fenício-púnicas e divindades romanas, possuíam diversas particularidades: alguns comportavam uma cripta e muitos possuíam plantas de tradição oriental – um corredor a céu aberto rodeado por pórticos, ao fim do qual as *cellae* se organizavam, muito comumente, em número de três. Este tipo de templo, como o dedicado a Baal Hammon-Saturno, de Thugga, localizava-se na periferia das cidades (SLIM *et al*, 2003, p. 234). É possível trabalhar uma ligação entre este tipo de templo e os capitólios.

Figura 12 – Capitólio de Thugga



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ae/Capitolio_de_Dougga_2.JPG

A Arqueologia, com sua análise detalhada da organização espacial das sociedades, é importante campo para o aprofundamento do conhecimento. Esperamos, com essas breves notas, ter conseguido demonstrar a extensão da riqueza dos detalhes e a força do ser humano diante do imponderável, da chegada de uma nova ordem, que se impõe, sem dúvida, mas que também se curva às correntes já existentes.

Referências

- BEARD, M. *Religions of Rome: a history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 1 v.
- BEARD, M. *Religions of Rome: a source book*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 2 v.
- CAMPS, G. Dougga. In: CAMPS, G. (Dir.) *Encyclopédie berbère*. Aix-en-Provence: Edisud, 1995.
- CHABOT, J.-B. Les inscriptions puniques de Dougga. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles Lettres*, v. 60-2, p. 119-131, 1916.
- COROVANA, O. D. Between history and myth: Septimius Severus and Leptis Magna. *Greece & Rome*, v. 59, n. 1, p. 56-75, 2002.
- CURCHIN, L. A. *The Romanization of central Spain: complexity, diversity and change in a provincial hinterland*. London: Routledge, 2004.
- FLORENZANO, M. B. B. Construindo o helenismo: o tirano e a monumentalização urbanística da pólis grega. In: ALDROVANDI, C. E. V.; KORMIKIARI, M. C. N.; HIRATA, E. F. V. (Org.). *Estudos sobre o espaço na Antiguidade*. São Paulo: Edusp, 2011, p. 41-56.

- GASCOU, J. *La politique municipale de l'Empire Romain en Afrique proconsulaire de Trajan à Septime-Sévère*. Roma: École Française de Rome, 1972.
- GSELL, St. *Histoire Ancienne de l'Afrique du Nord*. Paris: Hachette, 1928. 3 v.
- HINGLEY, R. Rural settlement in Northern Britain. In: TODD, M. (Ed.) *A Companion to Roman Britain*. Oxford: Blackwell, 2004, p. 327-348.
- HIRATA, E. V. Monumentalidade e representações do poder de uma pólis colonial. In: FLORENZANO, M. B. B.; HIRATA, E. F. V. (Org.). *Estudos sobre a cidade antiga*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 121-136.
- HUSKINSON, J. *Experiencing Rome*. Oxford: Routledge, 2000.
- KORMIKIARI, M. C. N. *Norte da África autóctone do século III ao I a.C.: as imagens monetárias reais berberes*. 2000. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- LASSÈRE, J. M. *Ubique Populus. Peuplement et mouvements de population dans l'Afrique romaine, de la chute de Carthage à la fin de la dynastie des Sévères (146 a.C - 235 p.C.)*. Paris: Éditions du CNRS, 1977.
- LE BOHEC, Y. *La troisième légion Auguste*. Paris: Éditions du CNRS, 1989.
- LEVEAU, Ph.; PAILLET, J. *L'alimentation en eau de Caesarea de Mauretanie et l'aqueduc de Cherchel*. Paris: L'Harmattan, 1976.
- LONGFELLOW, B. *Monumental fountains*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- MACDONALD, W. *The architecture of the Roman Empire: an urban appraisal*. London: Yale University Press, 1986.

- MATTINGLY, D. J. et al. *Dialogues in Roman imperialism: power, discourse and discrepant experience in the Roman Empire*. London: JRA Supplementary Series, 2004.
- MATTINGLY, D. J. *An imperial possession: Britain in the Roman Empire*. London: Penguin Books, 2007.
- MATTINGLY, D. J.; HITCHNER, R. B. Roman Africa: an archaeological review. *The Journal of Roman Studies*, n. 85, p. 165-213, 1995.
- MERYWATER, A. D.; PRAG, J. R. W. 'Romanization'? Proceedings of a post-graduate colloquium, held at The Institute of Classical Studies. London: Digressus Supplement, 2003.
- MORGAN, J. *The Roman Empire: fall of the West, survival of the East*. Bloomington: Authohouse, 2012.
- MORIZOT, P. L. L. "Incompréhensible" inscription de Tighanimine (CIL 2446) retrouvée et traduite (note d'information). *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, ano 152, n. 4, p. 1613-1629, 2008.
- PERISSATO, F. *Elêusis no Império Romano: monumentalização do santuário e o culto dos Mistérios Eleusinos no Período Antonino*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- QUINN, J. C.; WILSON, A. Capitolia. *Journal of Roman Studies*, n. 103, p. 117-173, 2013.
- RAVEN, S. *Rome in Africa*. London: Routledge, 1993.
- REVELL, L. *Roman imperialism and local identities*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- SALAMA, P. *Les voies romaines de l'Afrique du Nord*. Argel, 1951.
- SLIM, H. Djem. In: CAMPS, G. (Dir.). *Encyclopédie Berbère*. Aix-en-Provence: Edisud, 1995.
- SLIM, H.; FAUQUÉ. *La Tunisie antique de Hannibal à Saint Augustin*. Paris: Mengès, 2001.

SLIM, H et al. *Histoire générale de la Tunisie: L' Antiquité*. Túnis: Sud Éditions, 2003.

WHITTAKER, C. R. Imperialism and culture: the Roman initiative. *Journal of Roman Archaeology*, n. 23, p. 143-163, 1997.

Sobre os autores

BELCHIOR MONTEIRO LIMA NETO é professor e atual coordenador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, doutor e mestre em História pela mesma instituição e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir).

CLAUDIA BELTRÃO DA ROSA é professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, doutora em História pela Universidade Federal Fluminense, mestra em História Antiga e Medieval pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Visitor Fellow da School of History, Classics and Archaeology da Newcastle University, membro associado da UMR 8210 ANHIMA (Anthropologie et Histoire des Mondes Antiques, Paris) e bolsista da British Academy. Realizou ainda estágio pós-doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ.

ÉRICA CRISTHYANE MORAIS DA SILVA é professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, mestra em História pela mesma instituição, doutora em História pela Universidade Estadual Paulista, *campus* de Franca, e pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir).

FERNANDA MAGALHÃES é doutora em Arqueologia pela Universidade do Minho, bolsista de investigação da Unidade de Arqueologia da UMinho e investigadora do Laboratório de Paisagens, Patrimônio e Território (Lab2PT) da mesma instituição.

FRANCISCO ANDRADE é doutorando em Arqueologia pela Universidade do Minho e investigador do Laboratório de Paisagens, Patrimônio e Território (Lab2PT) da mesma instituição.

GILVAN VENTURA DA SILVA é professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo, mestre em História Antiga e Medieval pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir) e bolsista produtividade 1-C do CNPq.

JOÃO CARLOS FURLANI é mestre e doutorando em História pela Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir).

JOSÉ GUILHERME RODRIGUES DA SILVA é mestre e doutorando em História pela Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisador do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir).

LUÍS FONTES é doutor em Arqueologia pela Universidade do Minho, atual diretor da Unidade de Arqueologia e investigador do Laboratório de Paisagens, Patrimônio e Território (Lab2PT) da mesma instituição.

MANUELA MARTINS é professora catedrática do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade do Minho, doutora em Arqueologia pela mesma instituição e investigadora do Laboratório de Paisagens, Patrimônio e Território (Lab2PT).

MARIA CRISTINA NICOLAU KORMIKIARI é professora do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo, doutora e mestra em Arqueologia pela mesma instituição, pesquisadora e co-coordenadora do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (Labeca) vinculado ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Usp.

THIAGO DE A. L. C. PIRES é doutor em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e pesquisador do Núcleo de Estudos e Referências da Antiguidade e do Medieval (NERO) da mesma instituição.